

# Posicionamento axiológico em tempos de pandemia de COVID-19: uma análise do enunciado verbo-visual da charge

**Aline Milena Borges da Silva Dias**

Licenciada em Letras-Português

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), campus Recife

E-mail: [aline.borgessilva@ufpe.br](mailto:aline.borgessilva@ufpe.br)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0874-1172>

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Fluxo contínuo

**Volume: 7**

**Número: 2**

## **Resumo**

Este trabalho analisa a construção do posicionamento axiológico no enunciado verbo-visual de três charges publicadas no período de pandemia no Brasil, sendo duas extraídas dos jornais Folha de São Paulo e Jornal do Comércio e uma do portal de notícias Brasil 247. Logo, tendo em vista o atual cenário causado pelo vírus da COVID-19, considerou-se relevante investigar como tais enunciados revelam a compreensão social e posicionam-se axiologicamente em meio à multiplicidade de vozes que compõem as discursividades emergentes no *hic et nunc* da pandemia, no contexto da política brasileira. A pesquisa parte da hipótese de que as reacentuações apreciativas das palavras em unidade com os elementos imagéticos operam na construção do posicionamento axiológico. Para fundamentação, foram recuperados, principalmente, os estudos de Bakhtin/Voloshinov (2006), Bakhtin (2011), Brait (2007) e Fiorin (2011). A investigação permitiu observar como a situação extraverbal contribui no estabelecimento de uma enunciação significativa, ao passo que identificar, na materialidade verbo-visual, uma voz que responde aos enunciados e às marcas valorativas com que esses recobrem o objeto e, nesse modo dialógico, opera sobre elas, no encontro de linguagens, uma expressão nova e única.

## **Palavras-chave:**

Posicionamento axiológico; charge; enunciado; verbo-visualidade.

# 1 Introdução

Ao longo da vida, entramos em contato com diversas palavras. A partir de então, conhecemos seus significados e contextos mais típicos de uso, estabelecemos relações com outras já assimiladas e, por fim, damos (ou não) a elas um lugar em nossas trocas comunicativas. Essa relação entre o homem e a linguagem não ocorre, primariamente, mediada por instrumentos normativos, como gramáticas ou compêndios de apresentação do léxico do idioma, como dicionários. Antes, existe e perpetua-se por meio do *enunciado concreto*, que infunde vida à língua e é por ela do mesmo modo abastecido (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Nesse ínterim, ao passo que o enunciado depende de recursos linguísticos para corporificar-se e ser útil às interações humanas, as palavras da língua dependem dele para ganhar sentido e assumir expressividade em uma dada situação verbal. Isso se deve ao fato de que apenas o enunciado tem verdadeiramente um acabamento (BAKHTIN, 2011, p. 289) e, logo, somente ele pode informar para além do conteúdo neutro e reproduzível da palavra isolada. Por tal razão, os enunciados são considerados "correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem" (BAKHTIN, 2011, p. 268), pois, abarcando em si as formas desta última, acrescentam a elas as mudanças e reacentuações ideológicas pelas quais passaram até chegar a seu estado atual, em que também estão sujeitas a tomar outros rumos de significação motivados pelas transformações sociais vivenciadas (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 40).

Se colocamos a questão de uma outra maneira, poderíamos com segurança afirmar, em concordância com Bakhtin (2011, p. 283), que não é exatamente as palavras o que aprendemos no período de aquisição da fala, mas a formulação de enunciações típicas, os chamados gêneros do discurso, nos quais elas circulam e se organizam. Dessa forma, desde muito cedo, temos nossas práticas reguladas pelos tipos *relativamente estáveis* dos enunciados existentes, que crescem e se especializam conforme a multiforme atividade humana se expande, demandando novas formas de agir pela linguagem (BAKHTIN, 2011).

Nesse cenário, entende-se, então, que "o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso" (BAKHTIN, 2011, p. 274). Estes se revezam em seus turnos de fala, por meio da *alternância de sujeitos*, processo que demarca os limites entre os enunciados e atesta sua concretude, haja vista que o enunciado se constitui como a unidade real da comunicação (BAKHTIN, 2011, p. 275).

Assim, independentemente de seu tamanho, cada enunciado não somente prevê, já no momento de sua concepção, a emergência de outros que farão coro junto a ele e darão sequência ao fio discursivo, como também é, em essência, *resposta* às vozes com as quais colide e àquelas com as quais concorda. Em miúdos, o enunciado constrói-se a partir de uma contraparte anterior e em direção a uma futura, dando à luz as relações dialógicas.

Neste particular, elegemos, como objeto de estudo, o gênero charge, que se caracteriza, entre outros aspectos, pela explicitação de um ponto de vista crítico acerca de acontecimentos da vida social e política da comunidade em que são produzidas e publicadas. Analisaremos três charges publicadas no período do isolamento social, motivado pela pandemia do COVID-19, sendo duas oriundas dos jornais Folha de São Paulo e Jornal do Comércio e uma do portal de notícias Brasil 247.

A questão norteadora deste trabalho pode ser formulada do seguinte modo: como o enunciado verbo-visual das charges, tomado em sua unidade, manifesta o

posicionamento axiológico do sujeito e ator social? Nossa hipótese é de que os acentos apreciativos das palavras, as valorações nelas impressas devido aos contextos em que circularam, juntamente aos elementos imagéticos são os principais efetivadores desse quadro.

Nesse cenário, temos por objetivo geral demonstrar, através da análise do corpus escolhido, que somente no enunciado a palavra tem sentido e, dessa maneira, validade comunicativa. Em decorrência, delimitamos os objetivos específicos da pesquisa: (1) apontar a forma como o enunciado verbo-visual das charges indica o posicionamento axiológico do sujeito; (2) apresentar a importância da situação extraverbal ao estabelecimento de uma enunciação significativa.

## 2 Fundamentação teórica

Como unidade fundamental da comunicação discursiva, o enunciado, em quaisquer campos de criação ideológica, carrega sempre a memória de outros enunciados que o atravessam. Estes travam com ele as mais diversas formas de relações e correspondências – sejam funcionalmente semelhantes, sejam ainda da mais oposta orientação enunciativa – constituindo a base determinante pela qual o novo dizer, a forma presentificada, alcança real significado e propósito no meio em que circula.

Dessa forma, consta entre os elementos da grande cadeia verbal da história humana um diálogo essencialmente implicado, ou, ainda, "uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros" (BAKHTIN, 2011, p. 295), a qual, por sua vez, manifesta a língua em sua forma mais própria (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p. 125). Isso se verifica porque, ao nos valermos dela, o fazemos com o intuito de agir, mediante as escolhas linguísticas pertinentes à visão do todo do enunciado (BAKHTIN, 2011, p. 286), para produzir sentido, "que é sempre de ordem dialógica" (FIORIN, 2011, p.34).

Nesses termos, tanto o discurso oral quanto o escrito podem vir a constituir exemplares de réplicas do evento comunicativo, ao tomarem a forma de enunciações completas, uma vez que

o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p. 125).

À vista desse pensamento, pode ser sustentada a distinção entre o enunciado e as unidades da língua. Em estado de dicionário, as palavras são incapazes de remeter a uma realidade condicionada pelo encontro de vozes dos sujeitos sociais, ou de minimamente pressupor a sua existência, pois encerram-se na sua natureza neutra e potencial. Ademais, enquanto recursos, representam sempre o mesmo, são repetíveis, e, conseqüentemente, não comunicam o caráter dialógico evidenciado pelo contato do material verbal com a experiência concreta e única da interlocução.

Portanto, conforme Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 135) demonstram por meio da analogia à corrente elétrica, somente a palavra considerada na relação com outros elos da cadeia verbal (enunciados) pode possuir um tema e, assim, afastar-se de seu "valor inferior". Com efeito, tal fenômeno ultrapassa a fronteira dos elementos

linguísticos isolados e vincula-se à vida mediante o fator social e concreto do enunciado, pressupondo a sua historicidade. (BAKHTIN, 2011, p. 292). É nesse sentido, então, que a palavra é "o modo mais puro e sensível de relação social." (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p. 34).

Em razão de semelhante aspecto interindividual do signo, é inevitável e natural que o confronto entre os enunciados suscite respostas mutuamente endereçadas, de maneira imediata ou distante, as quais não apenas espelham como também enviesam a feição uma das outras. Em outras palavras, o signo tanto reflete quanto refrata a realidade a sua volta, constituindo-se sempre e necessariamente no direcionamento para o outro (BAKHTIN, 2011, p. 305). Com base nesse pressuposto, acrescenta Fiorin (2011, p. 29):

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam.

Pelo princípio dialógico, ainda que inconscientemente, o indivíduo se vale de enunciados alheios para tomar uma posição – "encontrar o seu lugar no contexto correspondente" (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p.135) –, à medida que efetivamente participa e se envolve no amplo domínio de comunicação cultural no qual se insere (FIORIN, 2011, p.10).

Sendo assim, a compreensão é responsivamente ativa, porquanto, no processo de assimilação do discurso do outro, o pensamento idealizado torna-se finalmente real para ambas as partes (BAKHTIN, 2011, p. 301). Nesse contexto, desde o início, o *eu* se forja a partir e em prol de um universo discursivo compartilhado, tornando-se portador pleno de ressonâncias dialógicas (BAKHTIN, 2011, p 300). De fato, como afirma Voloshinov (1976, p. 8), "o 'eu' pode realizar-se verbalmente apenas sobre a base do 'nós'."

Ainda nessa perspectiva, segundo observa Brait (2007, p. 38) ao tratar do conceito bakhtiniano de autor-criador, de forma geral, todo ato cultural existe nessa zona de relação entre os posicionamentos axiológicos dos sujeitos. Estes, reitera-se, somente assumem tal condição quando se alinham ante um segundo ponto de vista, marcando a autoria na palavra, "fenômeno ideológico por excelência" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 34). Desse modo, o enunciado se singulariza também por seu elemento expressivo, demonstrado por meio do acento apreciativo, sem o qual não há palavra (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p. 136).

Logo, as palavras chegam até nós por meio do enunciado, já valoradas, e permanecem recebendo camadas de significação, conforme ganham vida em novas enunciações e retornam ao mundo sob novo recorte. É por esse motivo que "ao mesmo tempo em que percebemos a existência do objeto, percebemos seu valor como uma de suas qualidades" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1976, p. 9). Portanto, fica claro que a consideração de uma palavra em um dado evento comunicativo não pode prescindir de um olhar mais atento sobre a sua história, na qual ela figura como ponte entre dizeres passados, presentes e futuros (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 115) e expressa a valoração social.

Em muitos contextos, o sentido surge, *a priori*, como resultado da fusão do elemento verbal com o visual, os quais, de maneira interdependente, originam a instância da expressão, em que o enunciado " se dá a ver/ler simultaneamente"

(BRAIT, 2013, p. 44). Isso equivale a dizer que as duas materialidades não somente o estruturam como também concorrem para produzir nele uma significação apenas alcançada mediante a sua abordagem enquanto composto verbo-visual. Consequentemente, dentro desse ponto de interseção de recursos gráficos, importa ao analista lançar mão das especificidades de cada plano enunciativo, a fim de perceber o enunciado concreto em toda sua extensão (BRAIT, 2007, p. 77).

Além disso, especialmente nas charges jornalísticas – por sua íntima relação com as notícias veiculadas no suporte de publicação (ROMUALDO, 2000, p. 39 ) – levar em conta a referência aos "discursos socialmente movimentados" (BRAIT, 2007, p. 75) na leitura das construções verbo-visuais reveste-se de importância para a compreensão do enunciado. Não raramente, a alusão aos enunciados circundantes manifesta-se de forma explícita por meio da intertextualidade, que, de acordo com Fiorin (2011, p. 76), consiste no dialogismo materializado no texto através do entrelaçamento de dois de seus exemplares. Sob esse prisma, vê-se que, de uma ou de outra forma, a situação extraverbal "se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação." (VOLOSHINOV, 1976, p. 8).

Verifica-se, portanto, que todo enunciado nasce de uma compreensão ativa do indivíduo sobre o mundo, pela qual ele interage com outras visões, afastando-se ou aproximando-se destas, em todo caso tornando-se resposta, ou, ainda, "contrapalavra" (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p.135). Dessa maneira, representa uma peça no interior da cadeia verbal, que faz circular ininterruptamente os discursos – latentes ou descobertos no meio social – de modo que dela recebe e nela imprime marcas valorativas, expressividade. Finalmente, nesse processo de diálogo incessante, que organiza e orienta as ações de linguagem, "o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento" (FIORIN, 2011, p. 42).

## **2.1 Análise da formação do posicionamento axiológico nas charges**

Nesta pesquisa, foram analisadas três exemplares de charges, extraídos de dois jornais reconhecidos em sua esfera de circulação e de um blog de divulgação de notícias. Certamente, nesses espaços o enfoque sobre os acontecimentos da vida social concreta é próprio de suas funções comunicativas, de maneira que, propositadamente, as charges não somente são produtivas nesses suportes como têm neles um lugar determinante, considerando-se também que a referência a um momento histórico é fator fundamental à distinção entre tal gênero e o cartum, por exemplo.

Todas as charges abordam a questão da pandemia do COVID-19, tema que rapidamente tornou-se centro de discussões sociais e alcançou grande repercussão midiática na primeira metade de 2020. O estado mundial de alerta frente à contaminação pelo novo vírus levou as autoridades sanitárias a divulgar medidas de prevenção, como o isolamento social e o uso de máscaras, que não foram acatadas por todos. A produção a seguir, retirada do Jornal Folha de São Paulo e da autoria de Jean Galvão, é representativa desse cenário ambivalente:

### **Figura 1**



**Fonte:** Jornal Folha de São Paulo (2020)

Na figura 1, são retratadas as figuras (doravante A e B) de dois homens, em uma conversa destacada pela ausência de um espaço visualmente definido – o fundo é totalmente branco, sem nenhum elemento que se some na construção do sentido. Inicialmente, eles são apresentados de forma bastante semelhante, o que se percebe pela roupa, posição no plano imagético, forma corporal, e até mesmo na expressão que esboçam ao travar a conversa. Em contrapartida, há um detalhe importante, no qual se assenta toda a crítica da obra: apenas um deles usa máscara. Esse dado, por si só, caracteriza os dois indivíduos em relação a sua forma de enfrentamento ao vírus, remetendo-os a lugares discursivos polêmicos e polarizados, que dividem a opinião pública acerca da necessidade de mudanças na convivência social.

Assim, no primeiro quadro, o uso da máscara pela figura B suscita da figura A um questionamento pautado na interpretação de que essa escolha decorre de um estado de medo: “Pra quê a máscara? Não há motivo para pânico”. Dessa maneira, ao fazer um prejulgamento sobre as motivações de seu interlocutor, relacionando o uso do objeto a uma condição de terror social, tal enunciado se configura como uma resposta aos discursos que tratam da necessidade da utilização da máscara e assume, em contrapartida, um posicionamento oposto, que é, nesse sentido, apresentado como uma forma mais racional de lidar com o problema.

Por sua vez, a resposta da figura B promove uma quebra de expectativa pela inusitada relação intertextual entre os signos “máscara” e “pânico” e a série americana de filmes *Pânico*, cujo personagem, *Ghostface*, se escondia atrás da máscara no momento dos assassinatos. Logo, o dialogismo se manifesta explicitamente no plano verbo-visual, com a reprodução da figura da máscara do vilão junto ao enunciado “A de pânico é esta”. Portanto, a figura B subverte, pela ironia, a questão inicialmente proposta e expressa um posicionamento axiológico que nega a interpretação a qual associa a utilização da máscara no contexto da COVID-19 ao medo. Ainda, a resposta refrata o olhar social acerca do “exagero” dos adeptos ao protocolo no combate ao vírus e denuncia o equívoco dos que se opõem, pautado na dificuldade de reconhecer o que a máscara realmente representa.

Sob o mesmo raciocínio, a atenção ao tema da COVID-19 foi, principalmente em momentos iniciais do surto, desconsiderada por autoridades governamentais, a exemplo de falas do presidente Jair Messias Bolsonaro em 2020, ano de início da pandemia, que abordaram o problema como uma “gripezinha”. Esse acontecimento gerou manifestações em prol da necessidade de prevenção. A charge seguinte, publicada no portal Brasil 247, recupera de forma interessante esse fio dialógico:

**Figura 2**



**Fonte:** Brasil 247 (2020)

Na figura 2, estão representados em destaque dois animais se afastando de uma arca, em que outras espécies, em casais, entram enfileiradas. A alusão feita é à narrativa bíblica do dilúvio, evento que desarraigou toda forma de vida da terra, preservando apenas Noé, sua família e os animais que com ele estavam. Ao fundo, pode-se ver, além das duplas de bichos, da arca e das nuvens que já se mostram densas e cinzentas, como a alertar sobre o perigo iminente, a figura de Noé em braços levantados, à porta do navio, indicando o seu apelo para que os animais se apressem a entrar e se salvar das águas. Paralelo a esse cenário, um dos animais que se extraviam do grupo busca convencer o que lhe acompanha com o enunciado “Vai por mim, isso vai ser só uma chuvinha!”, fala reforçada pelos elementos visuais, como a inclinação da cabeça e expressão dos olhos e boca, que traduzem também um tom de segredo e uma espécie de recomendação implícita sobreposta a que Noé dá aos outros animais.

A palavra “chuvinha” dialoga, desse modo, diretamente com “gripezinha”, presente nos pronunciamentos do presidente Bolsonaro para se referir à COVID-19. Há uma relação de espelhamento, uma vez que, nos dois enunciados, o diminutivo traz o acento apreciativo de coisa sem importância, pequena, que não gera a necessidade de intervenções. Ademais, a publicação da charge é contemporânea às falas do presidente (março/abril de 2020). Logo, o conhecimento dessa realidade extralinguística é fundamental para a compreensão do posicionamento formado, uma vez que toda a materialidade verbo-visual da charge é construída inteiramente em resposta a esse discurso. Por exemplo, o teor sarcástico da charge se dá porque o animal que profere o “só vai ser uma chuvinha”, representante das vozes que negam o estado vigente de calamidade da saúde pública, é um unicórnio, espécie extinta há mais de vinte mil anos. Logo, a sua afirmação tão segura (“vai por mim”) se realiza ao mesmo tempo da constatação de sua falha.

Ao lado disso, no plano visual, a escolha da narrativa do Dilúvio para metaforizar a pandemia é significativa por colocar em tela grupos com posições divergentes e o desfecho dessas escolhas. Da história bíblica, é recuperada, sobretudo, a incredulidade das pessoas quanto à existência do dilúvio, assim reforçando a crítica, no atual contexto, à minimização do problema do vírus e responsabilizando os que insistem em negar a importância do assunto por mortes que poderiam ser evitadas. Nesse ínterim, cabe ressaltar que o Brasil é hoje um dos epicentros da COVID-19, com mais de 300 mil vítimas fatais da doença.

Ainda sobre o antagonismo de vozes na cena da pandemia no Brasil, a charge a seguir, de Thiago Lucas, apresenta lado a lado importantes atores desse conflito:

**Figura 3**



**Fonte:** Jornal do Commercio (2020)

Na charge, o coelho e o médico são duas figuras que aparecem carregando mensagens com comandos opostos, direcionadas ao público-leitor em forma de apelos diretos, expressados nas formas verbais “vem” e “fique”. O coelho representa uma imagem conhecida, identificada pela faixa presidencial verde-amarela e pela caricatura do presidente Bolsonaro. A essa primeira figura se liga o enunciado “Vem pra rua”, em letras claras sobre um fundo negro, o que, aliado à expressão irritada de seu rosto, produz um sentido de opressão e morte. Já o médico tem uma expressão de alerta, e sua placa, de cor verde, com o enunciado “fique em casa”, simboliza, no atual contexto histórico, a esperança de que maiores danos sejam evitados com o respeito por todos ao isolamento social.

A disposição desses elementos na charge, em um mesmo espaço e paralelamente, traz uma crítica acerca da tensão política que marcou o governo de Bolsonaro e se evidenciou, sobretudo, com o crescimento dos casos de COVID-19 no país. Enquanto o presidente viola e desautoriza, em sua conduta e pronunciamentos, as medidas de proteção criadas para conter o avanço do vírus, os profissionais da saúde, baseados nas evidências, continuam orientando a população a evitar as aglomerações e, dessa maneira, o chefe da nação é associado na charge a uma lenda cujas palavras não devem ser seguidas nem tomadas como verdade – “Não acredite em Coelho da Páscoa!”.

Destaca-se também, na imagem do presidente, além das cores sombrias e do aspecto grosseiro do rosto, o detalhe da faixa, não reta, mas amassada, elementos que em conjunto se opõem à figura conhecida do Coelho da Páscoa, inofensiva e pacífica. Nessa lógica, ele também é retratado como um inimigo da população, uma vez que se interpõe à ação para conter o vírus com uma recomendação claramente contrária ao direcionamento médico, demonstrando, portanto, seu descompromisso com a saúde pública.

A referência a esse símbolo do imaginário social está atrelada ao período em que a charge foi publicada, em abril de 2020, mês em que se comemora a Páscoa. A charge recria a figura do Coelho e, por meio de seus recursos verbo-visuais,

estabelece um quadro de relações que leva o leitor a se perceber diante de duas escolhas. Não obstante, a charge assume o posicionamento de que ficar em casa é a ação mais razoável a ser adotada, tendo em vista a sua indicação por uma autoridade no tema, porta-voz de esperança e, ainda, de uma denúncia sob a forma do pedido “Não acredite [...]”.

#### 4 Considerações finais

As charges analisadas permitiram observar como a materialidade verbo-visual pôde constituir, com todos os seus componentes, um evento enunciativo concreto e, como tal, um dos muitos elos da comunicação discursiva. Nessas produções, há uma voz que responde aos enunciados e às marcas valorativas com que esses recobrem o objeto e, nesse modo dialógico, opera sobre elas, no encontro de linguagens, uma expressão nova e única. Reconhecer esses ecos refletidos e refratados no enunciado tornou-se necessário para identificar o posicionamento emergente, uma vez que é no espaço da multiplicidade e confronto de vozes que ele é formado.

Finalmente, o cunho eminentemente social das charges, que pode ser observado, por exemplo, na recorrência com que o gênero veicula críticas a figuras políticas envolvidas em uma determinada situação-problema, reforça a importância de se dar tônica à discussão sobre os desdobramentos da relação entre os acontecimentos extraverbais e o enunciado. Afinal, são esses mesmos fenômenos que o conformam e fornecem sua substância ideológica, fazendo-o comportar-se de uma dada forma, pertencer a um dado estilo, possuir certos recursos de construção, etc.

#### Referências

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 61-77.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana, Revista de Estudos do Discurso**, 2013, v. 2, n. 13. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 37-57.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 2020 -. Diário. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=49088&keyword=Jean%2CGalvao&anchor=6408280&origem=busca&originURL=&pd=c8d9141b23118d0200a9cc3fe0d6b90d>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa. *In*: LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 174-183.

JORNAL DO COMMERCIO. **#Charge** de Thiago Lucas (@thiagochargista), no Jornal do Comercio deste sábado (11). Recife, 11 de abril de 2020. Facebook: jornaldocommercioPE. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaldocommercioPE/photos/charge-de-thiago-lucas-thiagochargista-no-jornal-do-commercio-deste-s%C3%A1bado-11-jo/3674172549265549/>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. Metodologia qualitativa e quantitativa. LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. *In*: **Metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 169-273.

MINAYO, M. C. S. (org.). A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. S.. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-79.

MOTTA, N. Chuvinha. **Brasil 247**, 2020. Disponível em: <https://www.brasil247.com/charges/chuvinha>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

ROMUALDO, E. C. A charge jornalística. *In*: ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: Eduem, 2000. p. 21-39.

SILVEIRA, E. L.; SANTANA, W. K. F.; SOUZA, L. C. Relações dialógicas e axiológicas no gênero charge: o caso da propaganda eleitoral. **Linguagens em foco**. Ceará, v. 10, n. 1, p. 39-49, 2018.

VOLOSHINOV, V. N. Discurso na vida discurso na arte (sobre poética sociológica). Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza para uso didático. *In*: VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. New York: Academic Press, 1976.

# Axiological positioning in times of pandemic COVID-19: an analysis of the verb-visual utterance of charge

**Revista Falange Miúda**  
ISSN 2525-5169

**Periodicity:**  
Fluxo contínuo

**Volume**  
**Number**

**Received in:**  
**Approved in:**

## **Abstract:**

This work analyzes the construction of the axiological positioning in the verb-visual utterance of three cartoons published in the pandemic period in Brazil, two of which were extracted from the newspapers Folha de São Paulo and Jornal do Comércio and one from the news portal Brasil 247. Therefore, given the current scenario caused by the COVID-19 virus, it was considered relevant to investigate how such statements reveal social understanding and position axiologically in the midst of the multiplicity of voices that compose the emerging discursivities in the pandemic hic et nunc, in the context of Brazilian politics. The research starts from the hypothesis that the appreciative reactions of the words in unity with the imagetic elements operate in the construction of the axiological positioning. For reasons, the studies of Bakhtin/Voloshinov (2006), Bakhtin (2011), Brait (2007) and Fiorin (2011) were mainly recovered. The research allowed us to observe how the extraverbal situation contributes to the establishment of a significant enunciation, while identifying, in the verbal-visual materiality, a voice that responds to the statements and the valuative marks with which they cover the object and in this dialogical way, operates on them, in the encounter of languages, a new and unique expression.

## **Keyword:**

Axiological positioning; charge; enunciation; verb-visuality.